



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na mesa de negócios do *The Economist Newspaper Group*

Blue Tree – Brasília-DF, 12 de março de 2008

Bem, primeiro quero cumprimentar os integrantes da mesa, quero cumprimentar os convidados. E agradecer à Revista por fazer este encontro no Brasil, permitindo que os empresários brasileiros e o governo brasileiro possam falar um pouco sobre como estamos vendo o Brasil.

Como vocês percebem, eu tenho um discurso altamente volumoso, não se preocupem que a letra é grande e ele é menor do que aparenta. Mas eu estava pensando que amanhã nós teremos, aqui, cinco ministros do meu governo. Teremos Minas e Energia, Casa Civil, o presidente do Banco Central, o ministro da Fazenda e teremos mais um ministro. Certamente, eles irão falar da economia, do número do PIB, da nossa política tributária. Eu penso que, para uma Revista tão importante, para pessoas que conhecem tão bem o Brasil e para empresários não brasileiros que estão aqui, também curiosos pelo Brasil, seria importante eu fazer um prognóstico de improviso, sobre o que estamos vivendo no Brasil.

Quero começar dizendo para vocês que é extremamente importante que haja a compreensão da democracia na nossa querida América Latina e na nossa querida América do Sul. É importante lembrar que a democracia é uma coisa nova entre nós, que precisa ser consolidada a cada dia, a cada debate e a cada ação, tanto do governo, quanto do Poder Legislativo e da sociedade. Eu dizia agora há pouco ao editor que se a gente olhar o que aconteceu na América Latina, nesses 40 anos, nós vamos perceber que até a década de 80 nós tínhamos, em todos os países, uma parcela da sociedade e da militância política que acreditava que a solução e a saída para o nosso continente se dariam através de revoluções, e muitos acreditavam na luta armada.



Eu me lembro que quando criamos o PT, em 1980, o PT era uma novidade incompreendida por muita gente. Eu poderia citar tantos companheiros empresários, aqui, que tinham até medo de ouvir falar no PT, porque as pessoas realmente não sabiam o que nós éramos e, por que não dizer, tinham um medo enorme dos nossos discursos, que muitas vezes eram de dar medo mesmo. Bem, depois dessa situação, nós tivemos períodos importantes de crescimento no Brasil, na década de 70. E quando terminou a época que nós chamamos de “Milagre Brasileiro”, no Brasil, o que resultou foi o enriquecimento de uma pequena parcela da sociedade e o empobrecimento de uma grande parcela da nossa sociedade.

Eu queria lembrar aos senhores que em 1970 São Paulo tinha apenas duas favelas. São Paulo tinha a Favela do Vergueiro, perto do aeroporto de Congonhas, na rua Vergueiro, que não existe mais. E tinha a favela da Vila Prudente, que ainda existe hoje, não em forma de favela como era na década de 70, bem menor do que era, mas já um pouco urbanizada. Hoje, São Paulo tem mais de dois milhões de brasileiros que moram em favelas.

Eu fui, na sexta-feira e no sábado passado, ao Rio de Janeiro. Fui à Rocinha, fui ao Complexo do Alemão e fui a Manguinhos. E fiquei surpreso porque onde hoje é o Complexo do Alemão, um lugar que vocês habitualmente vêem na imprensa como um lugar violento, de muita troca de tiros e de muita quadrilha guerreando entre si, na década de 50 era uma fazenda, e na década de 80 foi a grande ocupação, que virou a favela que é hoje. Depois, eu fiquei sabendo que a Rocinha também era uma fazenda e que a partir da década de 80 se transformou naquele complexo de pessoas morando em péssimas condições, como é hoje. Eu estou dizendo isso para dizer para vocês que se as coisas tivessem sido feitas corretamente por sucessivos governos, se cada um tivesse feito um pouco, certamente nós não teríamos nem dois milhões de paulistas morando em favelas e muitos menos teríamos complexos como Manguinhos, como Rocinha ou como o Complexo do Alemão, com gente



morando em péssimas condições, possibilitando e facilitando o surgimento do crime organizado, do narcotráfico e de tanta violência.

E por que eu comecei falando do Complexo do Alemão? É porque parte da pobreza do nosso País se concentra muito fortemente a partir da década de 80. Possivelmente, alguns empresários de outros estados – o Gerdau está aqui – no Rio Grande do Sul, quase tudo o que aconteceu de favelas foi exatamente a partir da década de 80 e veio se avolumando. E por que veio se avolumando? Porque é importante atentar que o Brasil passou praticamente 26 anos, quase uma geração e meia, com a economia crescendo aquém daquilo que era necessário crescer. Num primeiro momento, para acompanhar o crescimento demográfico, e em um segundo momento, para acompanhar as necessidades das populações mais pobres, que nascem mais do que os mais ricos. No Brasil, como em quase em todo o mundo, nós temos uma situação, que eu penso que não é diferente de nenhum País, em que a classe média já aprendeu a fazer o seu planejamento familiar. Ou seja, alguém de classe média, quando casa, tem um filho ou dois filhos, no máximo. Quando exagera, não sei quantos (inaudível) tem, quando exagera pode ter três, mas normalmente pára em dois. Às vezes tem três, porque nasceram dois homens e quer arriscar uma menina, ou porque nasceram duas meninas e quer arriscar um menino.

Mas é exatamente no meio dos pobres é que ainda não existe essa consciência de fazer o planejamento. Nós agora lançamos, em São Paulo, no ano passado, uma política de planejamento familiar, enfrentando tabus e debates, no Brasil, que nem todo mundo gosta de enfrentar. Por exemplo, fazer laqueadura nas mulheres que entenderem que não querem ter mais filhos, de graça; fazer vasectomia nos homens, que queiram fazer vasectomia de graça e, ao mesmo tempo, distribuir anticoncepcionais para as mulheres que quiserem, também de graça. Não pensem que no Brasil isso é uma coisa fácil. No Brasil, o tabu religioso ainda é muito difícil de ser enfrentado. E nós



resolvemos enfrentar porque achamos que esse é um problema crônico, e nós precisamos ajudar as famílias mais pobres a compreender.

Pois bem, se nós ficamos 26 anos sem crescer o suficiente para atender as necessidades da sociedade, surgiu, em função da ausência de crescimento, e portanto da ausência de distribuição de renda das pessoas, uma grande parcela da sociedade vivendo praticamente marginalizada.

Quando eu vejo na televisão uma cena da polícia prendendo um jovem... Normalmente, os ladrões, no Brasil, são jovens de 15 a 24 anos, a 30 anos. Ou seja, são todos eles, Gerdau, oriundos de 26 anos de atrofiamento da economia brasileira.

Eu, por exemplo, sou de uma categoria econômica que, na década de 80, tinha praticamente 2 milhões de trabalhadores no Brasil, e caiu mais de 1 milhão. Quem é da construção civil aqui, eu estou vendo muitos aqui, sabe que a construção civil brasileira, nos últimos 20 anos, só dispensou trabalhadores e contratou muito pouco, porque não havia nem investimentos na construção civil leve, e muito menos na construção civil pesada. A última grande obra de infraestrutura de peso no Brasil foi Itaipu, em 1974. Certamente, hoje nós não faríamos Itaipu, porque a legislação ambiental e nem os ambientalistas permitiriam que nós fizéssemos do jeito que ela foi feita. Hoje ninguém permitiria que Sete Quedas tivesse desaparecido, que era uma das coisas mais extraordinárias do mundo e está hoje alagada pelo lago de Itaipu.

Pois bem, se durante 26 anos nós não crescemos, e nós geramos esse padrão de pobreza, que transforma o Brasil num dos países mais desiguais do mundo, era preciso que nós, então, tomássemos uma atitude de estancar isso e começar um novo processo.

E isso acontecia porque muitas vezes, no Brasil, as pessoas tratavam a economia como se fosse um palco onde a gente pudesse fazer magia. Ou seja, você tem um ministro da Fazenda, ele resolve pensar um plano econômico, elabora um plano econômico, vai para a televisão, anuncia, aquilo



vira sucesso por três, quatro meses e, depois, quando o plano fracassa, o ministro cai e o povo fica com o prejuízo. Nós tivemos muitas experiências, no Brasil, de momentos que parecia que o Brasil ia dar um salto de qualidade extraordinário e não deu. Fracassaram os planos, porque as pessoas pensavam apenas, ou na sua tese acadêmica, ou nas próximas eleições, as pessoas não pensavam em construir uma política a partir de atitude de seriedade do governo, que pudesse ir despertando nos investidores e na sociedade uma credibilidade que a gente, até então, tinha perdido.

Eu penso que a Revista acompanhou o que nós fizemos no Brasil em 2003. Hoje, passados quatro anos, eu tenho minhas dúvidas se algum governo do mundo teria a coragem de fazer o que nós fizemos em 2003. Nós fizemos o maior ajuste fiscal, que eu conheço, da história deste País. E tomamos uma decisão de elevar o superávit primário de 3,75 para 4,25, quando eu passei muitos anos da minha vida dizendo que era preciso diminuir o superávit primário e aplicar o dinheiro dentro do Brasil. E por que nós fizemos isso? Fizemos isso porque nós descobrimos, ao mesmo tempo, concomitantemente, que o Brasil precisava recuperar a credibilidade interna e a credibilidade externa.

Os empresários brasileiros que estão aqui, e certamente alguns convidados estrangeiros com quem já nos encontramos, sabem que nós jogamos muito duro. Nós dizíamos todo santo dia: Não haverá mágica na economia, não haverá coelho tirado da cartola. O que nós vamos fazer é a lição de casa, para que a gente possa restituir a credibilidade do País. Ao mesmo tempo, tomamos uma outra iniciativa – uma coisa que teoricamente foi impossível neste País durante 30 anos – que era combinar uma política de crescimento das exportações com uma política de crescimento do mercado interno. Isso era proibido falar, no Brasil.

A segunda coisa que nós fizemos, que era proibido falar, no Brasil, é que era impensável que o Brasil pudesse crescer, com inflação baixa. Todo mundo



dizia que na hora que o Brasil começasse a crescer, a inflação voltaria. Então, era proibido crescer. A verdade é essa: neste País era proibido crescer. Havia uma lógica de que se nós crescêssemos acima de 2% ou de 3%, a inflação voltaria. Como havia uma lógica que se a gente combinasse o crescimento da demanda interna com o crescimento das exportações, o Brasil não suportaria.

E o que nós estamos vivendo hoje? Nós estamos vivendo hoje um momento em que os tabus acadêmicos, as teses economicistas de que as coisas não poderiam acontecer, estão acontecendo. Estão acontecendo porque tomamos algumas medidas extremamente importantes.

A primeira medida que nós tomamos foi diversificar as relações comerciais do Brasil. Quando nós tomamos posse, o Mercosul estava natimorto. Ninguém, nenhum bom jornalista inglês, nenhum bom jornalista brasileiro ou americano acreditava que o Mercosul tivesse qualquer problema.

É importante lembrar que nós fizemos uma campanha, em 2002, e a Alca era vida ou morte. Quem não aceitasse a Alca era o demônio, porque a Alca era uma bênção de Deus que ia salvar a América Latina. E o que nós dizíamos, baseados no que aconteceu na União Européia? Nós dizíamos que só era possível estabelecer um processo de livre comércio das Américas se nós tomássemos a mesma atitude que a União Européia tomou, em que os países mais ricos assumiram a responsabilidade de alavancar as economias mais pobres. E foi o que aconteceu com a Grécia, foi o que aconteceu com Portugal, foi o que aconteceu com a Espanha, e foi o que aconteceu com os bilhões de marcos alemães que a Alemanha Ocidental colocou, para recuperar a Alemanha Oriental. E continua ainda o mesmo processo, para ajudar a Europa do Leste, que agora adentra a União Européia.

Nós tínhamos consciência de que quando se falava em Alca, na América Latina, falava-se do Brasil, porque no fundo, no fundo, era uma relação Brasil-Estados Unidos. O PIB da Argentina tinha caído 14%, menos 14%. Em que condições Equador e Bolívia, iriam entrar na Alca? Quem é que iria ajudá-los a



ter o mínimo de padrão de desenvolvimento para que pudessem se tornar mais equânimes com as economias maiores?

Vejam que engraçado: quando nós adotamos a política de diversificação das nossas relações comerciais e adotamos a política de que era possível a gente mudar a geografia comercial do mundo, se a gente procurasse novos parceiros, tentasse discutir e encontrar nichos de oportunidade e similaridades entre os países mais ou menos iguais, sobretudo os em desenvolvimento, seria muito melhor para nós, nas negociações que teríamos que fazer com os países ricos.

Os senhores estão lembrados de que quando nós fomos a Cancún e propusemos o G-20, pelo menos aqui no Brasil, não sei como a imprensa mundial tratou, mas aqui no Brasil se vendeu a idéia de que tinha sido uma fragorosa derrota do Brasil. O dado concreto é que hoje é impensável se falar em negociação comercial, dentro da OMC, sem levar em conta a existência do G-20, sem levar em conta a existência da Índia, da China, do Brasil, da África do Sul, do México, da Argentina, da Indonésia e de tantos outros países que estão crescendo, proporcionalmente, mais do que os chamados “países ricos”.

O que aconteceu, desde então? Embora o Brasil tenha uma extraordinária relação comercial com a União Européia, somos hoje parceiro estratégico e queremos estabelecer uma parceria estratégica entre União Européia e Mercosul, temos uma extraordinária relação com os Estados Unidos e a nossa balança comercial vem crescendo a 15%, 20% nesses anos todos, o dado concreto é que hoje o Brasil exporta muito mais para a América Latina do que para os Estados Unidos e para a União Européia. O dado concreto é que nós saímos de 3 bilhões, de balança comercial com a África, para mais de 17 bilhões na balança comercial.

Eu me lembro que quando fui ao Oriente Médio diziam: “o que eu ia fazer no Oriente Médio?” O último brasileiro importante que tinha ido ao Oriente Médio foi Dom Pedro II, em 1847, que foi ao Líbano. Ora, os empresários



brasileiros que estão aqui sabem que eu cansei de desafiá-los e cansei de dizer às entidades representativas dos empresários que, em vez de ficar esperando o Banco Central se reunir uma vez a cada 45 dias para discutir a taxa de juros, e eles ficarem esperando para fazer crítica no dia seguinte, que seria extremamente importante que eles colocassem aviões *charters*, e muitos, e colocassem empresários brasileiros para viajar o mundo, para descobrir nichos de oportunidades para comprar e para vender. E isso, graças a Deus, está acontecendo como nunca aconteceu.

Eu me lembro que, em Angola, eu disse que os empresários brasileiros deveriam perder o medo de virar empresas multinacionais. A imprensa brasileira colocou que “o Lula critica os empresários brasileiros”. O meu desafio era que os empresários brasileiros precisavam descobrir a importância deles virarem empresários multinacionais, investirem em outros países, porque é um cartão extremamente importante de credibilidade e de sentimento de fortaleza da economia, uma empresa brasileira instalada em um grande país. Até exagerei, porque alguns saíram pelo mundo comprando empresas e compraram até demais, já estão precisando voltar a investir no Brasil um pouco.

Pois bem, nós estamos, neste começo de 2008, em que situação? Primeiro, os dados do PIB hoje são muito alentadores. Acho que todos já leram. A perspectiva para 2008 é muito melhor do que a de 2007. E vejam que eu sou muito cauteloso, eu não almejo ficar crescendo muito tempo a 10%, 11%, 8%, não almejo. Eu prefiro crescer 15 anos a 5%, de forma estável, de forma que a gente recupere a capacidade produtiva do País, que a gente nunca asfixie a capacidade instalada das nossas indústrias, e que elas acompanhem o crescimento da demanda externa e o crescimento da demanda interna, paulatinamente. É por isso que o crescimento tem que ser equilibrado, nem pouco, nem exagerado. Equilibrado o suficiente para a gente atender a uma demanda forte que está acontecendo hoje no Brasil.



Uma coisa importante, que um jornalista estrangeiro precisa conhecer e saber: havia mais de 20 anos que neste querido País não tinha uma placa na porta de uma empresa dizendo: “precisa-se de empregado”. Há mais de 20 anos. Hoje, nós estamos vivendo um momento inverso. Certamente, muita gente não acreditava que isso pudesse acontecer em tão pouco tempo. Hoje nós temos falta de pedreiro, temos falta de azulejista, temos falta de máquina de moer cimento, temos falta de grua, temos falta de engenheiro, porque o crescimento foi muito rápido e pegou o país, que estava há 26 anos com o crescimento muito baixo, despreparado. Agora, tanto o governo, como muitos empresários, na sua área específica, estão trabalhando para que a gente possa formar rapidamente as pessoas.

Eu vou dar um exemplo magnífico. Quando eu fui, na sexta-feira, lançar as obras do PAC no Complexo do Alemão, em Manguinhos e na Rocinha, tive uma alegre surpresa: 80% dos trabalhadores contratados para trabalhar na obra são trabalhadores da própria favela, dos quais 20% são mulheres. Em Manguinhos, por exemplo, eu fui cumprimentar 40 mulheres que já tinham feito curso para ser pedreiras, porque isso também no Brasil era uma tarefa de homem, até pouco tempo atrás. Nós estamos agora tendo que recuperar o tempo perdido na formação de quadros, para que a gente atenda a esse momento de crescimento da nossa economia. Alguns dizem: “mas a economia está crescendo por sorte, é só por sorte ou por causa do bom momento internacional”. Primeiro, pobre de quem não tiver sorte. Eu quero todo dia, pela manhã, me levantar com uma sorte imensa e que meus adversários se levantem com um azar imenso. É isso que eu espero. Eu sou tão bom que eu espero que eles também se levantem com sorte.

Os empresários brasileiros acompanharam as mudanças que nós fizemos na legislação. A Lei de Falências, a Lei de Inovação, a construção civil que estava atrofiada há 30 anos, nós quebramos todas as amarras que tinha no setor da construção civil neste País, todas. No Brasil, o sistema financeiro



era proibido de financiar habitação, por exemplo, porque a casa não podia ser hipotecada. Então, parecia que você estava garantindo o proprietário da casa e no fundo, você o estava castigando porque ele não tinha financiamento para a sua casa própria. É por isso que a construção civil voltou a crescer. O último investimento em infra-estrutura, neste País, aconteceu exatamente no governo Geisel, que foi de 1975 a 1980, que fez esse crescimento vigoroso baseado no chamado eurodólar, muito barato, e nós tivemos que pagar a conta depois de 1980. Mas o dado concreto é que foi o último momento de investimento em obras de infra-estrutura.

Eu não gosto de dizer determinadas coisas, porque pode parecer presunção, mas se eu perguntasse para os trabalhadores e para os empresários da construção civil e às grandes empreiteiras brasileiras – que eu estou vendo aqui – qual foi o último grande empreendimento de vocês em hidrelétrica? Não existia. E agora, eu espero que eles digam, quando eu virar as costas e for embora, que há mais de 20 anos eles não viviam o momento que estão vivendo agora. Antigamente eles tinham máquinas paradas, hoje eles não têm máquinas para atender a demanda que está acontecendo na sociedade.

Vocês vão perceber que nestes meses de março e abril todas as capitais brasileiras e todas as regiões metropolitanas das grandes cidades brasileiras estarão transformadas num canteiro de obras, porque são 40 bilhões de reais em investimento em saneamento básico e urbanização de favelas, e 106 bilhões de reais em habitação. Certamente, falando em bilhões de reais, para o inglês é pouco, porque a moeda de vocês é tão importante que fica pequeno o nosso investimento, mas quem vive de real sabe que nós estamos investindo o que poucas vezes foi investido neste País.

Alguns se queixam de que nós ainda temos problemas. E temos porque a concentração de problemas é histórico e você não resolve problemas seculares em pouco tempo. O dado concreto e objetivo, e eu vou dar um outro



exemplo para os empresários perceberem: este País tinha, na década de 70, a segunda indústria naval do mundo, e na década de 90 nós tínhamos apenas 3 mil trabalhadores na indústria naval brasileira. Não produzíamos mais navios, não produzíamos mais plataformas, não produzíamos mais cascos. Hoje, a indústria naval brasileira já está com mais de 40 mil trabalhadores, os nossos empresários do aço vão ter que produzir muita chapa para atender a demanda de navios que estamos construindo neste momento, fazendo os estaleiros que precisavam ser feitos neste País. Uma novidade: na década de 90 diziam que o Brasil não tinha competência para produzir plataforma, era preciso importar. Pois bem, nós estamos construindo plataforma no Brasil com 85%, de tudo que é montado nela, de componentes nacionais.

De vez em quando aparece alguém e fala o seguinte: “presidente Lula, se comprasse em Cingapura seria mais barato, 100 milhões de dólares mais barato”. É verdade, se eu pensasse apenas como empresa e pensasse apenas na relação empresa e lucro, mas eu tenho que pensar como Estado brasileiro. Quanto de conhecimento tecnológico nós trazemos para o Brasil? Quanto de salários nós pagamos? Quanto de imposto o nosso Estado recebe e quanto de riqueza a gente vai acumulando, desde o conhecimento à distribuição de renda neste País?

Hoje a nossa situação, eu poderia dizer para vocês, é uma situação de tranqüilidade. Vou repetir: nós temos muita coisa para fazer ainda, mas é de tranqüilidade. Imaginem vocês se fosse na década de 90 essa crise imobiliária americana. O que teria acontecido com o Brasil? Entretanto, nós estamos tranqüilos, obviamente preocupados, olhando com lupa, Gerdau, todo santo dia, conversando com o Guido, com o Meirelles, com os curiosos de economia, com os bons professores de economia, acompanhando. Já falei com o presidente Bush duas vezes que a crise é dele, por favor resolva e não jogue para cima dos países pobres, não. O sistema financeiro, que quis ganhar dinheiro apostando em cassino, que pague a conta, não transfira a conta para



os países que passaram 30 anos sem crescer, que agora estão tendo a oportunidade de crescer e não podem pagar essa conta. E graças a Deus, o sistema financeiro brasileiro não está metido nisso. Também, com os juros que nós cobramos, não precisava investir.

Eu quero dizer para vocês que o que nós já fizemos já foi extremamente importante. Nós tiramos 20 milhões de pessoas da extrema pobreza e vamos tirar mais. Os indicadores sociais, tanto os medidos pelos institutos brasileiros, como os medidos pelos institutos internacionais, que vão das instituições da ONU... Nós melhoramos gradativamente a posição social do Brasil. É um momento em que crescem os investimentos empresariais, cresce a entrada de dólar no Brasil, cresce a geração de empregos, cresce a renda das pessoas e ao mesmo tempo, cresce a inclusão social neste País. Agora, o que está faltando fazer? Educação, eu sei que vocês estão curiosos para discutir a educação. É uma pena que o meu ministro da Educação não tenha sido convidado para participar do seminário, já que é um tema extremamente importante e interessante. Mas, certamente, vocês receberão as informações, amanhã, do que está sendo feito na educação.

Eu vou dar dois exemplos para vocês: primeiro, nós criamos o Fundeb. No governo passado aconteceu uma coisa importante. Foi constituída a possibilidade da universalização do ensino fundamental. Nós chegamos a 97% das crianças nas escolas. Só que as pessoas não perceberam que quando você universaliza o ensino fundamental, você precisa saber que aquela criança, quando termina o ensino fundamental, tem que fazer outro curso. E não se pensou no ensino médio. Nós criamos o Fundeb para atender às necessidades das escolas de ensino médio para nove estados do Nordeste, que são as mais pobres, um Fundo que vai gastar, do governo federal, ou melhor, que vai investir mais 10 bilhões de reais no ensino fundamental. Segunda coisa: aumentamos de 8 para 9 a quantidade de anos de escolaridade no ensino fundamental. A terceira coisa: nós resolvemos



recuperar a escola técnica profissional que, no Brasil, nós tanto carecemos. Vou dar um dado para vocês. A primeira escola técnica brasileira foi fundada em 1909 pelo presidente Nilo Peçanha, na cidade de Campos de Goitacazes. Em 1909 foi feita a primeira escola técnica brasileira, na cidade de Campos. De 1909 até 2003 foram construídas no Brasil 140 escolas técnicas. Até 2010, nós teremos funcionando no Brasil mais 214 escolas técnicas brasileiras. Em oito anos, nós estamos fazendo quase o dobro do que foi feito em 93 anos.

A mesma coisa no ensino universitário. O Brasil, ao longo de toda a sua história, construiu 54 universidades federais. Nós vamos terminar o mandato construindo, em oito anos, dez novas universidades federais e 48 novas extensões universitárias, levando cursos universitários para o interior do País. A partir do mês que vem, no final de abril ou no começo de maio, eu dedicarei uma semana para inaugurar escolas neste País. Tinha sido aprovada uma lei, em 1998, que tirava do governo federal a responsabilidade de fazer investimentos em escolas técnicas e deixava por conta do mercado. O mercado não deu resposta e o Estado teve que voltar a assumir a responsabilidade de cuidar daquilo que o Brasil precisava.

Mais importante ainda, nós tínhamos um problema sério de colocar jovens pobres na universidade. Vocês sabem que aqui no Brasil – não sei como é na Inglaterra e nos Estados Unidos – o pobre estuda na escola pública, no ensino fundamental, e o rico estuda em escola paga. Isso, no ensino fundamental. Quando chega na universidade, o rico vai para a escola pública e o pobre vai para a universidade privada. Como o pobre não pode pagar a mensalidade, ele fica fora. O que nós fizemos? Nós criamos um programa chamado ProUni, fizemos uma isenção de imposto para as universidades privadas e transformamos o equivalente do imposto em bolsas de estudo. Pasmem! Em três anos já colocamos 360 mil jovens na universidade, jovens pobres da periferia e da escola pública. De que eu era acusado? Qual era a acusação que me faziam? “O presidente Lula está nivelando o ensino por



baixo, está rebaixando o nível do ensino no Brasil, na medida em que criou o ProUni.” Como eu sou católico e tenho sorte, três anos depois foi feita a primeira avaliação dos cursos universitários brasileiros. Em 14 áreas, incluindo Medicina e Engenharia, os melhores alunos avaliados foram, exatamente, os que iam nivelar por baixo a educação no Brasil: foram os alunos do ProUni, da periferia deste País.

Agora estamos fazendo uma outra pequena revolução na educação. Estamos criando outro programa, chamado Reuni. O que é o Reuni? Nós estamos passando uma verba a mais para as universidades federais brasileiras e, em contrapartida, as universidades brasileiras, as federais vão aumentar, de uma média de 12 alunos por professor, para uma média de 18 alunos por professor. Sabem o que significa isso? Mais 400 mil jovens brasileiros na universidade até 2010.

Isso é tudo? Não. Isso resolve todos os problemas? Não. O problema é que se cada presidente que passou pela Presidência deste País fizesse um pouco pela educação, nós não teríamos 54 universidades, nós teríamos 200 universidades; nós não teríamos 3 milhões na universidade, teríamos 10 milhões na universidade. O dado concreto é que nós estamos querendo preparar o Brasil para que os próximos que venham depois de nós consigam dar continuidade a um programa de educação, que é a única possibilidade de inserir, definitivamente, o País no rol dos chamados países desenvolvidos, não apenas do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista da formação e da qualificação da sua gente.

No Brasil tem uma coisa que eu queria que vocês compreendessem bem: tudo o que a gente faz para o pobre é gasto; tudo o que a gente faz para os setores mais ricos – que precisamos fazer também – é investimento, o que é uma distorção conceitual muito séria. Quando nós damos uma Bolsa Família de 75 ou 80 reais para uma mulher pobre, ela se transforma numa consumidora em potencial de alimentos, de roupas, de coisas de primeira



necessidade, que é um sonho que nós tínhamos, de criar um mercado de massa, que os pobres pudessem adentrar... E não faz muito tempo... Há 20 anos eu, que era um trabalhador qualificado, para comprar danoninho para os meus filhos, eu comprava medido, por semana, só podia tomar um, se tomasse dois era castigado, só faltava colocar cadeado na geladeira. E eu era considerado classe média operária. Se tivesse trabalhado na fábrica de alguns aqui, quem sabe eu tivesse ganho um pouco mais, mas eu estava na Villares, então, não estava ganhando tão bem.

Mas hoje uma pessoa de um meio de comunicação importante no Brasil ficou indignada porque uma mulher do Bolsa Família comprou uma geladeira. Obviamente que ela não comprou com o dinheiro do Bolsa Família, mas o dinheiro do Bolsa Família pode ter ajudado a pagar a prestação. Isso porque não fizemos o nosso programa de renovação de geladeira que vamos fazer, se Deus quiser. A imprensa foi lá e entrevistou essa moça. Ela falou: “não só eu comprei a geladeira, como estou de sandália nova porque eu pude comprar, eu compro sandália para os meus filhos”. Antes do Bolsa Família, tinha mulher que comprava um lápis e partia ao meio para dar para dois filhos ou para dar para dois netos. Hoje, ela se dá o prazer de comprar uma caixa de lápis para cada um. Isso não é investimento? Isso não é distribuição de renda? Isso não é investimento sadio? Então, no Brasil nós ainda temos que mudar determinados conceitos que foram criados ao longo do tempo.

E aí, entramos na questão da política tributária. Aqui no Brasil, o Estado não pode arrecadar, porque se ele arrecada, a manchete dos jornais é: “aumentou a carga tributária”. É importante saber por que a carga tributária aumentou. Se ela aumentou por aumento de alíquota é um erro, mas ela pode ter aumentado porque aumentou o lucro dos empresários, porque aumentou a massa salarial. Aí, é um bom aumento. Ela pode ter aumentado porque acabou ou diminuiu a elisão fiscal, aí não é ruim, é uma coisa boa. O que é importante é que o Estado tenha uma capacidade de arrecadar e saiba como devolver



esse dinheiro, para que ele possa gerar mais pessoas incluídas neste País.

Uma coisa extremamente importante: este mês agora nós vamos lançar um programa de inclusão digital. Vamos levar para 55 mil escolas públicas urbanas, neste País, internet banda larga. Eu penso que será uma pequena revolução na educação, neste País. Em todas as escolas técnicas já temos laboratórios de informática. Criamos um programa chamado Computador para Todos, que eu acho que vocês conhecem, que diziam que era difícil, não ia dar cento. Hoje, o Brasil está vendendo computador como jamais pensou em vender na sua vida. E vender para as camadas mais pobres, porque nós estamos trabalhando com uma coisa que todo mundo deveria compreender: não é apenas olhar o preço final do produto, é saber se a quantidade de prestações que a pessoa vai pagar cabe dentro do seu salário.

Por que a indústria automobilística brasileira está explodindo? Eu convivo com a indústria automobilística brasileira desde 1969, fui dirigente sindical desde 1975, presidente do sindicato. Sempre vi a indústria automobilística em crise, fechando em vermelho, não vende, (inaudível) do governo... Qual é o milagre? Dois milagres fundamentais: primeiro, aumentar a renda das pessoas; segundo: aumentar a quantidade de prestações que a pessoa tem que pagar pelo carro, porque se vendia carro para pagar em 24 meses ou em 30 meses, tinha sempre o mesmo segmento da sociedade que podia comprar. Eu tenho na minha cabeça que o povo quer três coisas: casa, casar com uma mulher bonita, e a mulher quer casar com um homem bonito e ter um carro. Carro ainda é uma paixão, hoje repartida com o computador.

O que fez a indústria automobilística? Aumentou a quantidade de prestações, saiu de 36 ou de 24 para 72, para 82. E o que aconteceu? Aconteceu que a indústria automobilística corre o risco de, já no próximo ano, atingir a totalidade da sua capacidade produtiva. Hoje, as pessoas estão esperando 6 meses para comprar um caminhão e, se for um caminhão pesado, espera até 9 meses. As pessoas estão na fila para comprar carro. Até ontem, a



empresa ia quebrar: “eu vou embora do Brasil, porque não está dando para vender”.

E agora nós vamos fazer uma outra coisa importante, nós vamos lançar – talvez o Miguel Jorge fale amanhã, o ministro do Desenvolvimento – um programa de política industrial, que vai ter como base a política de exportação. Vamos facilitar as coisas para os setores exportadores brasileiros. E vamos fazer porque nós queremos provar que não somos bons para competir apenas no futebol, no voleibol ou no carnaval, nós queremos competir na exportação de produtos manufaturados. E queremos competir com todos, porque achamos que o Brasil tem potencial para isso, há uma esperança muito grande no setor empresarial, há um otimismo muito grande dos trabalhadores brasileiros, há um clima na sociedade, muitas vezes não visto por quem não quer ver.

Esses dias eu recebi aqui o ex-presidente de Portugal, Mário Soares. Ele veio aqui, como jornalista, fazer uma entrevista para a TV Pública de Portugal. Ao se sentar, no meu gabinete, ele falou assim para mim: “Presidente, eu não estou entendendo. Eu leio a imprensa estrangeira e vejo que o Brasil está muito bem, eu converso com empresários estrangeiros e vejo que a economia brasileira está muito bem. Mas quando eu leio a imprensa brasileira eu penso que o Brasil acabou, parece que acabou o Brasil”. Ele foi conversar com algumas pessoas de oposição. Ele falou: “Presidente, eu não acredito. O que as pessoas disseram para mim não é a realidade”. Até porque Portugal tem muitos investimentos no Brasil e ele conversa com os empresários portugueses. Quando chegou em Portugal ele escreveu um artigo muito importante, numa entrevista, vendo o que estava acontecendo no Brasil.

Vocês poderiam fazer um teste. Peguem alguns articulistas econômicos e vejam o que eles disseram, nesses últimos cinco anos, da economia brasileira. A gente vai constatar que erraram todas. Porque as pessoas gostam de errar, obviamente que quem erra não tem sorte, não pode ter sorte. Então, nós precisamos trabalhar com a convicção... É motivo da minha



conversa com os países ricos, motivo da minha conversa com os Estados Unidos: os Estados Unidos e a União Européia precisam olhar para a América Latina com olhos diferentes do que olhavam na década de 60 ou na década de 90. Precisam olhar para um continente que quer crescer, que quer investir, que quer consolidar a democracia, que quer gerar riqueza e quer participar deste mundo globalizado, vendendo e comprando.

Aí, entra a questão do acordo da Rodada de Doha. O que está acontecendo na Rodada de Doha? A União Européia não abre mão de dificultar a entrada dos produtos agrícolas dos países pobres. Os Estados Unidos querem reduzir o subsídio de 13 para 17, eu nunca vi reduzir para cima. Embora esteja garantido que eles podem subsidiar até 17 bilhões, nos últimos dois anos subsidiaram 11 bilhões. Agora querem elevar para 13, com flexibilidade até 17. Onde está a redução? E sabe o que querem? Que o G-20 flexibilize nos produtos industriais. Nós estamos até dispostos a flexibilizar e eu tenho certeza de que haverá concordância de quase todos os empresários brasileiros, mas é importante que a gente faça uma flexibilização que não permita que quebre a nossa indústria. Afinal de contas, tem países na América Latina que estão se recuperando agora. Como é que nós vamos deixar de crescer? Como é que a gente pode conviver se as pessoas não pagam uma sobretaxa de imposto pelo petróleo importado do mundo inteiro e colocam uma taxa de imposto muito alta para o etanol brasileiro? Como é que falam no livre comércio e sobretaxam o aço brasileiro? Como é que falam em mercado livre e sobretaxam o suco de laranja brasileiro? Ora, é importante que a gente não tenha dois discursos, um discurso público para os nossos eleitores e um discurso que fica no dia-a-dia de cada um. Então, o que nós estamos nos propondo, neste momento, é discutir com muita seriedade e com muita serenidade esses assuntos.

Quando nós resolvemos discutir a mudança no Conselho de Segurança da ONU, é porque não pode mais. O mundo de 2008 não é o mundo de 1948,



é só olhar o mapa geográfico, mudaram os países, mudou a geopolítica. E por que apenas cinco países ainda são os membros permanentes? Por que não tem um representante por continente? O Japão não pode entrar porque a China não deixa, a Alemanha não pode entrar porque a Itália não quer, o Brasil não pode entrar porque não sei quem não quer. Onde é que está a representação? A maioria das guerras está na África. Por que não tem um africano no Conselho de Segurança? Ao mesmo tempo, a gente fica percebendo, que por coincidência ou não, os cinco maiores vendedores de armas do mundo são os cinco membros do Conselho de Segurança. Poderiam construir floriculturas e vender flores, aí eu acreditaria em paz e segurança. Mas se são vendedores de armas, significa que nós temos poucas possibilidades. Por que nós queremos que entre alguém da América Latina, que entrem pelo menos dois países da África, que entre a Alemanha, que entre o Japão? Para que a gente tenha uma coisa mais justa. O que nós queremos é construir isso. Agora, isso é quase intocável. Discursos favoráveis tem muitos. Todo mundo fala: “nós somos favoráveis”. Mas é aquele negócio da noiva que fica pedindo para o cara “vamos casar, marca a data”, e o cara: “espera um pouco, eu te amo, mas espera um pouco”, e vai enrolando.

Então, eu penso que nós chegamos em um momento que nós precisamos dizer ao mundo o seguinte: o continente africano vai continuar sendo um continente pobre, também no século XXI? Ou nós poderemos, através da política dos biocombustíveis, fazer parceria entre os países ricos e os países da África e produzir parte da energia renovável que o mundo desenvolvido quer, nos países mais pobres? Qual é a mudança que nós vamos fazer? Eu confesso a vocês que acho difícil. Mesmo entre os seres humanos, individualmente, ninguém quer abrir mão das suas conquistas. Eu não conheço um único ser vivo do Planeta que aceite reduzir 5% no seu salário para ajudar a pagar o ascensorista que trabalha no seu prédio. Eu acho difícil que os países queiram abrir mão do padrão extraordinário que conquistaram, em



benefício dos mais pobres. Nós não estamos pedindo para ninguém abrir mão. Nós só queremos mudar a relação comercial existente, para que esses países tenham um padrão de desenvolvimento que possa garantir que eles vivam em paz.

Bem, meus amigos, dito isso, eu quero finalizar dizendo para vocês que eu estou convencido de que o Brasil chegou ao seu momento de maioridade. Em 2022 o nosso País completa 200 anos de independência. Eu digo todos os dias que eu não jogarei fora, por nada deste mundo, o que nós conquistamos. Não permitirei, em hipótese alguma, que alguém pense que nós já estamos com os problemas todos resolvidos, que a economia já está totalmente consolidada, que nós não temos mais nenhum problema e portanto, agora, vamos gastar. Não há hipótese. A minha formação econômica é a de um assalariado. Todas as vezes que alguém que vive de salário gasta mais do que ganha, quebra a cara. Portanto, não se assustem, porque eu não fico preocupado de ser chamado de conservador. Não me assusta. Eu quero ser bastante agressivo na política de distribuição de renda neste País, na política social. Na economia eu quero ser cauteloso, para fazer com que as coisas aconteçam paulatinamente, sem que possa subir a pressão rapidamente e a gente quebre. Eu não quero momentos de euforia. Eu quero momentos de responsabilidade de todos nós.

Hoje foi anunciado o PIB, e eu disse ao meu Ministro do Planejamento: você vai dar entrevista? Vai dar entrevista comedida, porque se der uma entrevista muito eufórica, já vai gente querer aprovar o que a gente não pode. Tem uma coisa que eu sei que inquieta algumas pessoas, que são os gastos públicos. Eu queria dizer uma coisa para vocês. Se nós analisarmos os gastos públicos que o Brasil tem hoje com o que nós oferecemos de retorno para a sociedade brasileira, possivelmente a gente gaste muito. Mas se a gente for analisar o que a gente precisa gastar para atender as necessidades vitais da população, nós gastamos pouco. Todo mundo quer mais escolas, todo mundo



quer mais saúde, todo mundo quer mais infra-estrutura, e isso precisa de investimentos.

Se eu quiser governar o Brasil para 35 milhões, eu não terei problemas, porque o Brasil tem espaço para 35 ou 40 milhões de brasileiros viverem em um padrão de classe média alta européia. Se eu quiser governar só para esses, eu não preciso, realmente, fazer investimento do Estado. Agora, se eu quiser e o Brasil desejar incluir os milhões que estão deserdados, aí, realmente, nós vamos ter que gastar. Eu vou dar um exemplo. Seria importante vocês deixarem dois ou três jornalistas aqui, para andar um pouco no Brasil. Quando criei o programa chamado Luz para Todos, eu tinha uma informação do IBGE de que no Brasil tinha 10 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica. Criamos o programa Luz para Todos. Esse programa já utilizou 460 mil quilômetros de cabos – imaginem quantas vezes a gente poderia ter enrolado a Terra – já colocamos mais de 3 milhões e 600 mil postes, já colocamos mais de 500 mil transformadores e já gastamos mais de 8 bilhões de reais. Oitenta por cento financiado pelo governo federal e 20% pelos estados. Alguns estados não podem pagar e nós pagamos também.

Alguém, analisando apenas com uma visão estritamente econômica, poderia dizer: “mas isso não é possível, tem que cobrar”. Se cobrar não tem energia, porque as pessoas não têm como pagar. Agora que nós já fizemos, e quase 8 milhões de pessoas já receberam, nós descobrimos que os dados do IBGE estavam errados. Apareceram mais 1 milhão e 564 mil pessoas sem luz, e vamos ter que levar, até 2010, para todo mundo. Custa para o Estado? Custa. Alguém que estivesse discutindo do ponto de vista econômico poderia dizer: “custa para o estado, é verdade presidente Lula, custa para o Estado”. E eu poderia perguntar: quanto custa para o Estado deixar essa pessoa vivendo no século XVIII quando nos poderíamos trazê-la para o século XIX com um cabo, um poste e um bico de luz? É preciso ter a sensação do que significa chegar a uma casa, encontrar uma família no escuro – uma lata de coca-cola



com pavio, a lata cheia de querosene – e as crianças lendo em torno da lata, a fumaceira cobrindo a casa. Aí, você monta o Programa, chama a mulher e aperta uma tomada. Quando a luz acende dentro da casa dela, é como se você a tivesse transportado do século XVIII para o século XXI, e não há dinheiro que pague. Como custam R\$ 4,5 bilhões o que estamos investindo para tentar trazer de volta para a cidadania 4 milhões e 100 mil jovens, de 15 a 24 anos. Ou nós colocamos esse dinheiro, dando uma ajuda para eles e formando-os profissionalmente, ou o narcotráfico e o crime organizado vão oferecer a eles o que o Estado não oferece. Essa guerra eu não quero perder. Eu quero ganhar.

Por isso, quando a gente discutir os gastos do Estado, nós temos que olhar comparando a quê? Alguns países estão prontos há pelo menos 60, 70, 80 anos. Nós precisamos ficar prontos e só ficaremos prontos quando a totalidade dos brasileiros estiver participando desse processo de desenvolvimento do País. Caso contrário, não valeu a pena a gente governar o País se o resultado, no final do mandato, for a gente continuar com a mesma quantidade de gente na classe média, com a mesma quantidade de ricos e com a mesma quantidade de pobres. Eu quero aumentar o número de ricos, quero aumentar o número de gente na classe média e quero acabar com a pobreza neste País. Por isso, para nós é uma questão de honra não abrimos mão de fazer as políticas sociais que estamos fazendo agora. E vou fazer mais.

Vocês sabem que a oposição derrotou o imposto que nós tínhamos sobre transações financeiras. E não derrotou porque era contra o imposto, não, derrotou porque acharam que era demais garantir ao governo do Lula ter 120 bilhões de reais até 2010, e era preciso diminuir. Nós lamentamos. Chorar não choramos, mas lamentamos. Nós tínhamos aprovado um Programa de Saúde que era uma revolução na Saúde, e eu vou implementá-lo. O dinheiro vai aparecer, e podem ficar tranquilos que eu não vou aumentar tributo e o dinheiro vai aparecer. Podem ficar certos de que nós vamos gastar melhor o que temos que gastar e economizar onde não é essencial, para a gente gastar onde é



essencial. Eu tenho um sonho, que é levar médico, levar dentista, levar oftalmologista e levar otorrino dentro das escolas para fazer exame nas crianças. Eu tinha isso na década de 60. Está certo que nós tínhamos pouca gente na escola, mas na década de 60 o Estado brasileiro oferecia dentista para cuidar dos dentes das crianças. Se vocês andarem pelo Nordeste brasileiro, apesar de tudo que nós já fizemos com o Brasil Sorridente, nós ainda temos muitas meninas e meninos de 18 ou 19 anos sem dentes. Quem vai cuidar disso? A iniciativa privada só vai cuidar disso se essa pessoa tiver renda para pagar. Se ela não tiver, é o Estado que tem que fazer. Na hora em que o Estado cumprir com as suas obrigações, podem ficar certos de que as próprias pessoas vão tratar de exigir que o Estado seja cada vez menos intrometido nas coisas que não precisa se intrometer. Mas sem o Estado não haverá inclusão social neste País, sem o Estado a gente não consegue recuperar um século de descaso com parte da população mais pobre deste País. E é por isso que nós estamos vivendo este momento.

Quero dizer para vocês que vamos crescer mais em 2008, que vamos fazer mais políticas sociais em 2008, que queremos exportar mais em 2008, que queremos importar mais em 2008, que queremos consolidar o Brasil como a principal potência dos combustíveis renováveis, e queremos inserir o Brasil, cada vez mais forte e sólido, neste mundo globalizado. Sabemos que temos que trabalhar muito e sabemos que a única chance que nós temos de chegar lá é nos colocarmos diante do mundo com a seriedade que nós queremos das pessoas.

Eu me lembro que, em 1982 – e eu vou terminar com isso –, eu fui candidato a governador do estado de São Paulo. Fiquei em quarto lugar. Mas fizeram uma pergunta para mim: “Lula, por que você quer ser candidato a governador?” E eu respondi: porque eu quero ver se eu sou capaz de fazer o que eu acho que eles têm que fazer. A minha vontade de ser presidente da República era para provar que é possível fazer as coisas que, durante tantos



anos, a gente dizia que dava para fazer. Estamos conseguindo fazer, com a compreensão da sociedade brasileira, com a compreensão dos trabalhadores, com a compreensão dos empresários, com a compreensão de amplos setores. E estamos fazendo.

É por isso que eu sou o mais otimista dos brasileiros. O momento que nós construímos hoje é um momento que me garante dizer para vocês: não pensem que o Brasil vai tremer diante de qualquer coisa. Quando eu acordei, há 15 dias, sabendo que o Brasil tinha deixado de ser devedor para ser credor, foi motivo de muita alegria. Como foi motivo de muita alegria quando chamei o meu amigo Köhler para dizer para ele – já não era mais ele, era o Rato – que eu não precisava mais do dinheiro do FMI, que ele poderia levar os 15 bilhões e 900 milhões de dólares que tinha aqui. Não fiz discurso em televisão, não fiz cadeia. Com a tranquilidade, o respeito e a amizade que eu tinha criado com eles, comuniquei, da mesma forma como pagamos o Clube de Paris.

Eu me lembro que em 2004 eu estava na Índia, quando a Índia atingiu 100 bilhões de dólares de reservas. Eu voltei para o Brasil, no avião, pensando: puxa vida, o dia em que o Brasil atingir 100 bilhões de dólares de reservas vai ser fantástico. Hoje, estamos com quase 200 bilhões de dólares de reservas. E tem uma teoria na minha cabeça, tem uma coisa: os países que detêm grandes reservas ainda não se reuniram para discutir o que fazer com as reservas. Eu quero fazer uma reunião com os maiores países que têm reservas, para a gente discutir o que vai fazer com essas reservas, que passo pode ser dado, o que a gente pode fazer porque, também, não podemos ficar com as nossas moedas se desvalorizando. É preciso que a gente pense em alguma coisa, e isso nós vamos fazer. Vamos fazer com a Rússia, vamos fazer com a China, com a Índia, com o Brasil e com outros países, para que a gente comece a ter uma inserção maior nas decisões políticas do mundo.

Vocês sabem que eu cansei de viajar o mundo. Eu perdi três eleições. A gente aprende muito quando perde muitas eleições. E é engraçado, eu viajava



pelo mundo, chegava em Londres, em Nova Iorque, em Frankfurt, em Paris, e ia fazer reunião com jovens, nenhum com mais de 30 anos, e eles davam palpite sobre a Bolívia como se fossem *experts* em Bolívia, davam palpite na economia do Brasil como se conhecessem o Brasil. Nunca tinham vindo ao Brasil. Esperem aí. Não seria melhor a gente discutir por que essas pessoas, que sabiam de tudo, não sabiam dos títulos subprime? Não é importante fazer essa discussão agora? Se vocês tinham tanto palpite para dar, tinham tanta coisa para nos falar... Quando a gente é pobre, e a gente deve, é uma desgraça. Quando você é pobre e deve, as pessoas olham para você com empáfia, as pessoas olham como se tivessem dois metros de altura, e você tivesse um metro e 50. Eu ainda não tenho dois metros de altura, estou no meu um metro e 70, mas eu quero que eles baixem o seu tamanho e percebam que quem sabe cuidar do País é quem vive neste País, é quem conhece o País, é quem sabe o que pensa o povo deste País. E como eu sei que as políticas populistas durante muito tempo quebraram este País, podem ficar certos de uma coisa: eu gosto de ser chamado de popular e me ofendo em ser confundido com populista. É por isso que eu acho que o Brasil vai dar certo.

O mesmo respeito que eu tenho pelos empresários brasileiros que estão aqui, eu tenho pelos estrangeiros. O mesmo respeito que eu tenho pelos empresários eu tenho pelos trabalhadores. E trato a todos com a mesma deferência porque diante de mim está um ser humano que pode mais ou que pode menos. Mas se todos agirem pensando que o mundo hoje é muito pequeno para os 6 bilhões de habitantes, e cada um fizer a sua parte, nós teremos chance de construir um mundo muito mais justo. Eu acho que é isso que nós estamos descobrindo.

Por isso, quero terminar dizendo: vivo um momento muito importante para o meu País. Eu tenho muita sorte, porque passei 30 anos fazendo oposição e os outros presidentes não tiveram condições de viver este momento. Eu espero, quando deixar o governo, não voltar a ser tão oposição



mais, porque eu espero eleger o meu sucessor e espero que este País tenha seqüência. Nós precisamos de, no mínimo, 10 ou 15 anos de crescimento sustentável para que a gente possa recuperar todo o tempo que nós perdemos. É assim que nós vamos governar o Brasil, é assim que nós vamos aprovar a reforma tributária. Podem escrever nas suas matérias, nós vamos aprovar a reforma tributária este ano. A oposição passou oito anos falando em reforma tributária e agora está lá o projeto, é só votar. Podem fazer uma emenda aqui, outra emenda ali, mas vão votar. Uma reforma tributária justa, que diminua a quantidade de impostos que temos neste País, que facilite a vida de quem quer investir, que facilite a vida de quem construir um negócio, que facilite a vida do povo, que reduza a quantidade de tributos e, ao mesmo tempo, que a gente acabe com a guerra fiscal fratricida neste País. Eu acho que nós vamos aprovar, não sei por que eu estou otimista. Espero contar, sobretudo, com o apoio de vocês, empresários brasileiros, conversando com quem vocês conhecem, para a gente aprovar isso.

Muito obrigado.

(\$211A)